

RESONANCIAS DA MÚSICA DE LOS BEATLES Y LA ÉTICA COMPLEJA: Por una escucha de la naturaleza del amor, de la rebeldía y de la espiritualidad

Francisco Flávio Oliveira dos Anjos

ffaanjos@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – UEG

Recibido: 07/10/2018 **Aprobado:** 06/12/2018

Resumen

La década de 1960 fue uno de los más turbulentos, paradójicos y revolucionarios períodos de la aventura humana, un marco en la defensa de actitudes humanistas, solidarias y comunitarias, y muchas de las acciones directamente asociadas a ese período histórico fueron directa o indirectamente influenciadas por las ideas difundidas por cuatro jóvenes ingleses quienes formaron una de las bandas más importantes de rock and roll de toda la historia: The Beatles (Paul McCartney, Paul McCartney, George Harrison y Richard Starkey). Cuatro músicos y compositores cuyas actitudes repercutieron más allá de la música, influenciando la cultura de masas de forma hasta entonces inédita, defendiendo ideales éticos humanísticos, a partir de la valorización de ideales solidarios, igualitarios, libertarios y comunitarios, y especialmente del amor, de la rebeldía y de la espiritualidad, promoviendo una verdadera revolución en los valores y en las costumbres que resuenan hasta la contemporaneidad, y conciben con lo que vendría a ser preconizado por Edgar Morin en la elaboración de una ética compleja, de una antropoética de matiz planetario, que valora mandamientos y tomas de conciencia que deben orientar las relaciones entre los humanos y, por extensión, de los humanos con la naturaleza y la biosfera, a partir de la necesaria percepción en cuanto a la existencia de una interacción necesaria entre individuo, sociedad y especie, valorizando la idea de Tierra-Patria, un modelo ético que valora la religación, la paz, la comprensión, la solidaridad, el reconocimiento de la solidaridad, la condición humana, el perdón, y el amor, que permea todas esas relaciones, posicionándose de forma favorable a tomas de conciencias que se presentan como fundamentales para el establecimiento de una ética del pensar bien.

Palabras clave: Beatles, ética, complejidad, Morin, amor.

RESONANCES OF THE MUSIC OF THE BEATLES AND THE COMPLEX ETHICS: By listening to the nature of love, rebellion and spirituality

Abstract

The 1960s was one of the most turbulent, paradoxical and revolutionary periods of the human adventure, a framework in the defense of humanistic, solidary and community attitudes, and many of the actions directly associated with that historical period were directly or indirectly influenced by the ideas spread by four English young people who formed one of the most important rock and roll bands of all history: The Beatles (Paul McCartney, Paul McCartney, George Harrison and Richard Starkey). Four musicians and composers whose attitudes reverberated beyond music, influencing mass culture until then unprecedented, defending humanistic ethical ideals, from the valorisation of solidarity, egalitarian, libertarian and community ideals, and especially love, of rebellion and spirituality, promoting a true revolution in the values and customs that resonate until the contemporary, and condition with what would come to be

advocated by Edgar Morin in the elaboration of a complex ethic, an anthropoetic planetary nuance, which values commandments and awareness that should guide relationships between humans and, by extension, humans with nature and the biosphere, based on the necessary perception of the existence of a necessary interaction between the individual, society and species, valuing the idea of Terra-Patria, an ethical model that values religion, peace, understanding, solidarity, recognition of solidarity, the human condition, forgiveness, and love, which permeates all those relationships, positioning themselves in a favorable way to take consciences that are presented as fundamental to the establishment of an ethic of thinking well.
Keywords: Beatles, ethics, complexity, Morin, love.

RESSONÂNCIAS DA MÚSICA DOS BEATLES E DA ÉTICA COMPLEXA: Ouvindo a natureza do amor, rebeldia e espiritualidade

Resumo

A década de 1960 foi um dos mais turbulentos, paradoxais e revolucionários períodos da aventura humana, um marco na defesa de atitudes humanistas, solidárias e comunitárias, e muitas das ações diretamente associadas a esse período histórico foram direta ou indiretamente influenciadas pelas ideias difundidas por quatro jovens ingleses, todos oriundos da portuária cidade de Liverpool, John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Richard Starkey, quatro músicos e compositores cujas atitudes repercutiram além da música, e que formaram a mais importante banda de *rock and roll* da história, *The Beatles*, influenciando a cultura de massas de forma até então inédita, defendendo ideais éticos humanitários, a partir da valorização de ideais solidários, igualitários, libertários e comunitários, e, especialmente, do amor, da rebeldia e da espiritualidade, promovendo uma verdadeira revolução nos valores e nos costumes que ressoam até a contemporaneidade, e condizem com aquilo que viria a ser preconizado por Edgar Morin na elaboração de uma ética complexa, de uma antropoética de matiz planetário, que valoriza mandamentos e tomadas de consciência que devem nortear as relações entre os humanos e, por extensão, dos humanos com a natureza e com a biosfera, a partir da necessária percepção quanto à existência de uma interação necessária entre indivíduo, sociedade e espécie, valorizando a ideia de Terra-Pátria, um modelo ético que valoriza a religião, a paz, a compreensão, a solidariedade, o reconhecimento da condição humana, o perdão, e o amor, que permeia todas essas relações, se posicionando de forma favorável a tomadas de consciências que se apresentam como fundamentais para o estabelecimento de uma ética do pensar bem.

Palavras-chave: Beatles, ética, complexidade, Morin, amor.

Introdução

A década de 1960 se apresenta como o período mais revolucionário da história contemporânea: uma época turbulenta, libertária, transformadora, intensa, extremamente marcada pelo resgate de um humanismo esquecido pela maior parte das sociedades. Foi um período marcado por diversas lutas, com repercussão significativa e influência decisiva sobre as décadas seguintes, no que tange a temas como o respeito às minorias, a defesa da preservação do meio ambiente, o respeito às diferenças ideológicas, sociais, religiosas e políticas, bem como à inauguração, no Século XX, de uma visão planetária de mundo, em contraposição à limitada

visão nacionalista e étnica, excludente e castradora, que permeava a realidade ocidental até então.

Esse conjunto de características marcantes não surgiu do nada, posto que se configura em um reflexo direto das bifurcações, das escolhas, das contradições éticas, das práticas que geraram um mundo completamente diferente, década após década, em um século profundamente marcado por guerras e revoluções, assim como pela histeria coletiva, provocada pelo medo de uma hecatombe nuclear, e, conseqüentemente, pela instauração de uma paranoia decorrente de posicionamentos ideológicos, e, simultaneamente, de um desejo de liberdade que inspiraram a psicologia coletiva. Ademais, a década de 1960 representava um claro contraponto com a década anterior, quando essas características se estabeleceram.

Quatro jovens oriundos da classe operária de Liverpool, cidade portuária do Norte da Inglaterra, George Harrison, John Lennon, Paul McCartney e Richard Starkey, mais conhecido como Ringo Starr também conhecidos como *The Beatles*, foram os mais emblemáticos representantes daquela década, agindo de forma intensa e inovadora, promovendo transformações que repercutem, ainda, na contemporaneidade, e atuando como porta-vozes de toda uma geração, e de gerações seguintes, foram os maiores inspiradores do que veio a ser chamado de contracultura, e revolucionaram a música de seu tempo, atuando de forma decisiva no processo de mundialização musical, o que acabou por produzir transformações intensas em todas as formas de arte, especialmente no Ocidente.

No decorrer da década de 1960, os Beatles foram amadurecendo de forma muito rápida, e criando uma obra até hoje não superada, musicalmente falando. De ídolos adolescentes a personalidades adotadas pela *intelligentsia*, no curto espaço de cinco anos, os brilhantes músicos e compositores de Liverpool exercem, mesmo passados quase 50 anos da sua separação, e mesmo já tendo decorrido 38 anos da morte de John Lennon e 17 anos desde a morte de George Harrison, a mais significativa influência na cultura ocidental de que se tem notícia. Ademais, se posicionaram acerca de questões importantes de sua época, como a Guerra do Vietnã, o racismo, a condição da mulher, a rebeldia adolescente, o militarismo, o autoritarismo, a fé, criticando o *establishment*, dando voz às minorias e aos rebeldes e revolucionários de seu tempo, construindo uma música que representa o seu ideário, da mesma forma que reflete a sua época, demarcando os anseios e desejos, as frustrações e contradições, as alegrias e tristezas de toda uma geração.

Após oito anos de uma carreira musical que é considerada a mais bem sucedida da história, os quatro se separaram, seguindo caminhos distintos, já que, apesar do amor e da admiração que os unia, desde a adolescência, eram, inegavelmente, intensos, dotados de fortes personalidades, e também possuíam um acentuado individualismo, que os distinguiria claramente, de forma gradativa, no decorrer das décadas seguintes. Os quatro jovens cantores e compositores eram águas de diferentes rios, intensos nas suas individualidades e reciprocamente complementares como grupo. Assim, criaram um todo extremamente homogêneo, que não descartava, por outro lado, a heterogeneidade inegável, quando analisadas quatro personalidades que, mesmo sendo complementares, eram intensamente distintas, com pitadas de romantismo, rebeldia, misticismo e espontaneidade que, misturadas, colocaram o mundo em uma ebulição cultural sem precedentes. A música e as atitudes emanadas dos quatro jovens de Liverpool transformaram de forma irreversível o seu tempo, ecoando e alcançando as gerações futuras, repercutindo ideais éticos que atendem aos anseios da sociedade.

Naqueles tempos turbulentos e propícios a desvios e novas estratégias, os Beatles criaram e defenderam uma nova ética, que deve permear não apenas as interações entre os indivíduos, mas também as suas relações com a sociedade e com a espécie, em consonância com aquilo que é preconizado por Edgar Morin, uma antropoética que reconhece as fontes de separação e defende a religação, que reconhece o individualismo, ao mesmo tempo que critica o egocentrismo, que manifesta posicionamentos humanistas, que ressalta a necessária relação de proteção e de respeito com relação ao meio ambiente e à natureza, indicando uma postura ética ao mesmo tempo individualista e coletiva, que opera no campo da religação, da compreensão, da solidariedade, da comunidade, de uma fé ética e complexa, que se faz presente nas suas letras, nos seus atos, nos seus discursos.

Incontestavelmente, os Beatles se reconheciam como habitantes do planeta, membros de uma comunidade que extrapolava o grupo, a cidade, a nação, operando uma percepção planetária, contextualizada, complexa, acerca do mundo que os cercava, da época em que viviam, assim como da ética, que exerciam espontaneamente. Os Beatles defenderam um ideário que se aproxima inegavelmente da concepção de terra-pátria, uma universalidade ousada, especialmente se levarmos em conta que foi exercitada em tempos de defesa veemente do individualismo, do patriotismo, do capitalismo, da competição, do egocentrismo e da falsa ilusão do progresso.

A defesa de ideais igualitários e democráticos proporcionou aos Beatles a possibilidade de conduzir a sua geração por caminhos que não haviam sido experimentados anteriormente. De forma involuntária, foram os líderes de movimentos que transformaram a face do mundo, construindo os ideais que predominaram na revolucionária década de 1960, e que ecoam até os dias atuais. Existe uma clara ressonância beatlemaniaca no mundo moderno, um mundo que, de certa forma, foi moldado pela sua geração e, indubitavelmente, pela sua influência.

Em sua obra – não especificamente em uma obra – Edgar Morin defende princípios e valores éticos que se encontram em perfeita consonância com os ideais defendidos por George Harrison, John Lennon, Paul McCartney e Ringo Starr, sob o prisma de uma ética complexa, que se reproduz em posturas que devem nortear as relações humanas. Nesse diapasão, não é difícil constatar a existência de uma relação direta entre a necessidade de tomada de consciência de uma identidade comum na diversidade individual, cultural, de línguas, que é claramente preconizada por MORIN (2011, p. 163), como uma das tomadas de consciência capitais, a partir das quais a ética planetária se afirma, com posturas éticas adotadas pelos Beatles, em momentos distintos de sua carreira, tanto no período em que formaram uma banda quanto em momento posterior, quando desenvolveram carreiras individuais.

Inegavelmente, essa postura conduziu os Beatles ao reconhecimento da necessidade de conhecer e de compreender os valores e a cultura do Oriente, incorporando novas práticas e discursos às ações que desenvolveriam, como grupo e como indivíduos, a partir do ano de 1967, influenciando a sua geração, e, também, à contracultura, que começava a desenvolver um papel importante entre os jovens, especialmente com o surgimento do movimento *hippie*, na mesma época.

Segundo MORIN (1997, p.51) existe uma necessidade de Oriente em nossas existências, uma vez que as nossas vidas de Ocidente são vazias. Nesse sentido, a paz interior não é alcançada, face ao individualismo que exercitamos, fazendo com que desenvolvamos a face sombria do individualismo, marcada pela atomização, pela solidão e pela angústia, provocando perturbação na relação entre as nossas almas, os nossos espíritos e os nossos corpos. Essas posturas são típicas da cultura ocidental contemporânea, ao mesmo tempo alegre e depressiva. As limitações que o individualismo impõe aos espíritos conduz os insatisfeitos – assim entendidos aqueles que buscam algo que se encontra além do egocentrismo que prevalece no

mundo material – ao Oriente do budismo, do *zen*, dos gurus, conforme assevera Edgar Morin, em sua obra *Amor, Poesia, Sabedoria* (1997, p.51/52).

A sensação de vazio experimentada pelos Beatles fez com que buscassem respostas para as suas indagações existenciais na meditação e na incorporação de elementos inerentes à milenar tradição religiosa hindu, especialmente após não terem encontrado no uso de substâncias alucinógenas as respostas para as suas inquietações, inclusive aquelas de cunho espiritual. Durante um curto período de tempo, a resposta para as questões místicas, imateriais, parecia repousar no LSD, substância alucinógena desenvolvida pelo governo norte-americano, que gradativamente chegaria ao conhecimento das pessoas, e seria usada como forma de expandir a mente, teoricamente oferecendo aos usuários uma experiência religiosa, transcendental.

O consumo de LSD se expandiu, e as chamadas viagens de ácido passaram a fazer parte da rotina de cidades como San Francisco, com a participação efetiva de escritores, de intelectuais, de universitários, de poetas, de compositores, de cientistas, de médicos, que atuaram como desviantes, dentro de um modelo social ainda extremamente conservador, que posteriormente passaria a criminalizar o uso da substância, transformando esses intelectuais em foras da lei, como aconteceu com Timothy Leary, Ken Kesey, Hunter Thompson, dentre outros.

Após consumir a droga entre os anos de 1965 e 1967, os Beatles perceberam que a resposta para o seu vazio espiritual e para as questões da existência, para as quais a droga não oferecia as réplicas supostamente esperadas, não seria encontrada a partir desse tipo de expansão da mente. Esse vazio começa a aparecer nas reflexões dos Beatles a partir do ano de 1966, o que repercute nas canções, nos arranjos, nas entrevistas, nas posturas. Em sua obra, a partir desse momento, eles começam a abordar temas mais sérios, como a solidão, o envelhecimento, a tristeza, que apontam para um amadurecimento precoce, posto que ainda não haviam alcançado a idade de 30 anos, e determinam novas bifurcações em sua trajetória, pois, enquanto o mundo ainda se encantava com as suas aparências de jovens recém-saídos da adolescência, com as doces canções de amor que haviam sido gravadas nos seus primeiros álbuns, e com os temas mais enérgicos, que ressuscitavam o verdadeiro *rock and roll* e o colocavam em um patamar mais elevado, as novas escolhas os conduziram a um caminho bem mais sério, mais intelectualizado, mais profundo em suas reflexões, um percurso desafiador, ainda não trilhado no *rock*, o que, mais uma vez, os colocaria em uma posição de destaque diante de outros artistas de sua época.

A sua música passa a transmitir, a partir de então, uma diversidade muito mais abrangente, que, de certa forma, representava as suas buscas, apresentando uma tessitura complexa, intensa, que incorporava elementos distintos daqueles que haviam consolidado a sua formação musical até aquele momento, complementando a sua música, assim como o envolvimento com a religião e a cultura indianas complementavam a sua visão de mundo, ampliando horizontes e possibilitando novas descobertas, evoluções e revoluções.

Assim, a recepção, por parte de um dos Beatles, da rica cultura indiana, influenciaria profundamente a música da banda e elevaria o nível de reflexão para um nível ainda mais eclético, complexo, unindo ordem e caos, individual e coletivo, reflexão e sensação, espiritual e material. Como consequência direta dessa atitude, se instaurou nas práticas e na obra dos quatro jovens de Liverpool um processo de mundialização cultural, a partir da incorporação da música e da cultura indiana nas práticas do grupo, sem que essa guinada radical em suas carreiras tivesse uma conotação de oportunismo ou de modismo, influenciando, consequentemente, a toda uma geração, que passou a cultuar o Oriente, a partir do momento em que constatavam o vazio presente em seu cotidiano ocidental.

A mudança significativa, que revolucionaria a música ocidental, e influenciaria profundamente os jovens ocidentais na busca de outras manifestações religiosas além daquelas predominantes, tinha muito a ver com a falência do modelo religioso ocidental, especialmente do Cristianismo. Segundo George Harrison, ninguém que ele conhecia nas doutrinas cristãs parecia ter um entendimento profundo da ciência de Deus para realizar a sua tradução em termos humanos. Os líderes da Igreja não entendem essa ciência e transmitem, como consequência, uma espécie de *nonsense*, e, com o objetivo de manter o poder e evitar questionamentos, agem como se fossem donos de uma franquia detentora do único poder reconhecido para interpretar a vontade e as palavras de Deus e de Cristo. A visão que George assimilava de Deus, por outro lado, apresentava clara influência das leituras que fizera dos sábios indianos, um contato que passava necessariamente pela necessidade de alcançar o nível mais sutil da consciência pura, transcendendo a vigília, o sono e o sonho, acessando a mais pura percepção. O mundo causal, o mundo astral e o mundo físico seriam consequências da transcendência, de Deus.

Assim, a descoberta da Índia, no ano de 1966, acabou se relacionando diretamente com a comprovação, por parte de George, o mais novo dos Beatles, de que não existia uma experiência direta, uma sintonia com Cristo, no modelo católico dentro do qual fora educado.

Havia um vazio religioso na sua experiência católica, e, espiritualizado como era, George buscava preencher esse vazio da forma mais completa possível. Essa busca se refletiria intensamente na sua obra, e influenciaria o contexto musical, social, religioso e político da época.

Na Índia, George passou a ter contato com pessoas que diziam que ele não poderia acreditar em nada enquanto não tivesse uma percepção direta daquilo, o que fez com que refletisse acerca da sua condição religiosa, e de como aquele vazio poderia ser preenchido, o que acabou ocorrendo de forma inegável, pois aderiu de forma incondicional a uma representação religiosa que, apesar de fazer parte de uma cultura teoricamente distante da sua, dizia à sua alma e ao seu coração o necessário para que buscasse a paz interior e a aproximação com Deus. Segundo Greene (2015, p. 115) uma passagem do *Raja-Yoga* teria chamado a atenção de George de forma particular: “Com que direito um homem diz ter uma alma se ele não a sente, ou que há um Deus se ele não o vê? Se há um Deus, nós devemos vê-lo. Caso contrário, é melhor não acreditar”. Nesse contexto, é melhor ser um ateu convicto do que um crente hipócrita.

A orientalização acabou se concretizando como um dos eventos mais transformadores nas relações e na arte dos Beatles, com efeitos diretos na cultura ocidental, que passou a olhar mais atentamente para os ensinamentos milenares dos gurus, experimentando a abertura até então inimaginável para elementos como a forma de viver e a forma de se relacionar com as divindades, que era exercitada de forma muito diferente entre os indianos, o que revestia a antiga colônia britânica de uma aura fascinante.

A experiência indiana complementava a inovação musical experimentada quando os Beatles acrescentaram o *sitar* e outros instrumentos indianos à sua música, o que começou a ocorrer no ano de 1965, se acentuou no ano de 1966, e se consolidou no ano de 1967, influenciando várias outras bandas e cantores, além de cineastas, militantes, ativistas, intelectuais, escritores, atores, compositores, médicos, que se voltariam para a cultura oriental a partir do final da década de 1960, buscando paz de espírito, compreensão, conhecimento, e, ainda, respostas para questões relevantes da existência, que não eram respondidas de forma satisfatória nem pela religião, nem pela ciência, nem pela cultura.

A diversidade cultural e a diversidade linguística não se configuraram em obstáculos para que os ensinamentos transmitidos pelas figuras religiosas indianas, através dos milênios, fossem assimilados pelos Beatles. Também não pesou, nesse processo, a diversidade individual,

que tantas vezes colocou os britânicos contra os hindus, inclusive no violento processo de colonização, que, apesar de ter ocidentalizado parcialmente a Índia, não promoveu o rompimento com a rica cultura religiosa dos *iogues* do Himalaia, que George tanto admirava.

O processo de orientalização da banda proporcionou rupturas e transformações irreversíveis, além de promover significativa influência sobre a sua percepção de mundo, que deixava cada vez mais para trás o individualismo e o egocentrismo predominantes no Ocidente, o que apresenta consonância com o reconhecimento, por parte de MORIN (2011, p. 166) de que as primeiras grandes sínteses antropológicas emanaram de pensadores indianos, como Ramakrishna, Vivekananda e Aurobindo, e não de reflexões construídas no Ocidente. A humanista cultura religiosa indiana ofereceria respostas que estavam sendo procuradas em outras fontes, por uma juventude cada vez mais ávida por mudanças.

De forma cada vez mais explícita e intensa, os Beatles se reconheciam como habitantes do planeta, como membros de uma comunidade, universal, destituída das limitações impostas pelas fronteiras geográficas, enxergando a identidade humana comum nos tipos diversos de diversidade. A postura adotada pelo grupo nos remete à tomada de consciência quanto à Terra-Pátria não apenas como comunidade de destino, mas igualmente como comunidade de origem e de perdição, a exemplo do que assevera Edgar Morin. Também confirma a percepção de que existe uma relação direta entre a ética planetária e o humanismo planetário. Na obra de Morin, essa percepção se apresenta de forma muito clara em seus discursos e em seus escritos, e, na obra dos Beatles, essa ideia pode ser encontrada em diversas letras, assim como em atitudes que refletem tomadas de consciências fundamentais para a consolidação de uma ética complexa.

Nesse diapasão, é fundamental reconhecer que a noção de que vivemos em uma comunidade, a Terra-Pátria, tão cara a Morin, se encontra implícita em várias atitudes emanadas dos Beatles, como, por exemplo, na defesa constante da paz, na participação ou organização de concertos beneficentes para auxiliar populações atingidas por tragédias, na defesa da preservação do meio ambiente e de espécies animais ameaçadas de extinção, na crítica aos diversos tipos de preconceito, na defesa da paz, dentre outras atitudes. Talvez por representar esse sentimento de pertencimento de forma tão natural, a banda foi escolhida para representar a Inglaterra, no ano de 1967, na primeira transmissão ao vivo via satélite, em um evento denominado *Our World* (Nosso Mundo), quando apresentaram ao mundo *All you need is*

love, hino de toda uma geração, cantado até hoje nas manifestações de cunho pacifista através do mundo.

George Harrison organizou o *Concerto para Bangladesh*, em 1971, o primeiro evento musical beneficente da história. Paul McCartney, por sua vez, participou do *Concerto pelo Camboja*, que organizou juntamente com o então Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, Kurt Waldheim, no ano de 1979. Paul também participou do *Live Aid*, ocorrido em 1985, que ajudou no combate às vítimas da fome na Etiópia, e do *Live 8*, no ano de 2005, que objetivava conscientizar as pessoas, especialmente os governantes dos oito países mais ricos do planeta, quanto à fome e à pobreza que ainda imperam no mundo. Por ocasião dos atentados terroristas que atingiram a cidade de New York no ano de 2001, quando dois aviões destruíram o *World Trade Center*, Paul organizou um concerto com alguns dos maiores nomes da música contemporânea, para homenagear as vítimas e arrecadar fundos.

A adoção de práticas como essas se encontra diretamente vinculada ao ato de assumir a condição humana, reconhecendo que existe no outro, simultaneamente, diferença e identidade. Se trata de exercer a antropoética, reconhecendo a indissociabilidade entre indivíduo, sociedade e espécie, e que, conforme assevera MORIN (2011, p. 160), ressalta, no nível ético, a consciência antropológica que estabelece como missão a salvaguarda da unidade e da diversidade humanas, por toda parte, reconhecendo que existe em todo ser humano tanto a identificação consigo quanto a diferença de si, o que conduz à necessidade imperativa de oferecer respeito àquilo que pertence à semelhança, bem como no que concerne à diferença, exercitando uma ética de matiz universalista.

Além da participação direta em eventos de alcance mundial, Paul também se notabilizou por adotar o vegetarianismo, defendendo veementemente a causa ambientalista, se posicionando de forma favorável à preservação das florestas, da vida de animais selvagens, de espécies ameaçadas de extinção, participando ativamente de campanhas voltadas para as vítimas de minas terrestres. Essas atitudes se manifestam como exemplos de combate às antigas e às novas formas de barbárie, em defesa de uma ética da comunidade.

Por outro lado, demonstrando coerência com as atitudes emanadas dos outros Beatles, no sentido de defender sólidas e coerentes manifestações éticas, o engajamento político latente em John Lennon fez com que se posicionasse de forma favorável a presos políticos como os norte-americanos John Sinclair e Angela Davis, ativistas muito atuantes entre o final da década

de 1960 e a primeira metade dos anos 1970, que foram perseguidos e presos pelo sistema.. Para demonstrar o seu apoio a esses líderes e às causas que defendiam, John, mesmo sendo um estrangeiro em solo ianque, realizou shows, participou de passeatas, discursou em comícios, com o objetivo claro de defender o pacifismo, os direitos civis dos negros, a liberdade de pensamento, a condição da mulher, em uma América cada vez mais conservadora e resistente à mudança.

Esse desenraizamento só é passível de concretização a partir do rompimento com os enraizamentos culturais isolados, exclusivos, que negam a realização da unidade planetária na diversidade. Nascido na Inglaterra, país em que viveu por mais de 30 anos, John levantou as bandeiras que eram defendidas do outro lado do Atlântico pelos seus irmãos de luta norte-americanos, à frente de multidões que entoavam canções como *All You Need Is Love* e *Give Peace a Chance*. O reconhecimento de uma visão planetária também se encontra presente no início da letra de *I Am the Walrus*, composição escrita por John e lançada pelos Beatles em 1967: “*Eu sou ele, assim como você é ele, assim como você sou eu, e somos todos juntos.*” Segundo ZIGLER (BAUR, 2007, p. 156), esses versos são inspirados no Vedanta, no *Bhagavad-Gita*, e, ainda, em uma das mais antigas fontes da filosofia indiana, o *Chandogya Upanishad*, o que demonstra, mais uma vez, a visão ampliada e global que John tinha da sociedade.

De acordo com Edgar Morin, a emersão de uma sociedade-mundo necessita de um direito e de instâncias de natureza planetárias, que possuam capacidade para o enfrentamento dos problemas vitais da humanidade, de uma política civilizatória e humanitária, em substituição à política de desenvolvimento que prevalece nos dias atuais (2011, p. 166/167). A consolidação de um direito planetário, supranacional, se encontra limitada à natureza cultural do fenômeno jurídico, sendo de concretização improvável, mas a criação de uma postura ética universal, mundializada, se verifica como uma possibilidade e como uma emergência, uma vez que a ilusão do progresso tem promovido desastres consecutivos, necessitando as sociedades contemporâneas da implementação de um modelo ético que valorize a complexidade, a solidariedade, a comunidade.

Imagine, canção composta por John Lennon, que se transformou em um hino à paz e à tolerância, representa um claro exemplo da percepção que valoriza uma ética complexa, uma reflexão que possui elementos caros à visão humanitária e planetária de mundo. Na letra, John idealiza e pede que imaginemos um mundo sem paraíso nem inferno, apenas com o céu acima

de nós, o que representa uma crítica às separações promovidas pelas religiões, um claro chamado à verdadeira religião, que se opõe à separação. A visão utópica de John aponta ainda para a inexistência de países, conseqüentemente não havendo razão para matar ou morrer, que serve como justificativa em todas as guerras, em nome do nacionalismo, que, em conformidade com o que assevera HUXLEY (2016, p. 89), se configura em um sistema simbólico que condiciona as guerras.

Em sua construção utópica, John idealiza uma sociedade igualitária, uma irmandade de homens, enxergando o mundo como um espaço em que as pessoas viveriam a vida em paz, sem fome, sem posses, sem ganância. A tradução do sonho de John se reflete no verso final de cada estrofe: imagine todo mundo vivendo apenas para o hoje; imagine todo mundo vivendo a vida em paz; imagine todo mundo dividindo todo o mundo. Sem soar panfletária, a letra da canção transmite um ideário pacifista, comunitário, solidário, em uma sociedade que ainda se encontrava fortemente marcada pelas disputas ideológicas e por conflitos bélicos, políticos e religiosos intensos, a exemplo da Guerra do Vietnam, da Guerra Fria e dos choques entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte, respectivamente. Várias representações éticas se encontram presentes na letra dessa canção, tantas vezes entoada como um verdadeiro hino à igualdade, à liberdade e à solidariedade.

Na letra de *Imagine*, existe uma valorização da ética da comunidade, da ética da compreensão, da ética de solidariedade, da antropoética, de tomadas de consciência quanto à identidade humana comum, da comunidade de destino que relaciona os destinos humanos ao destino do planeta, assim como da necessidade de nos educarmos para a compreensão dos próximos, da compreensão da finitude humana no cosmos, da prolongação da ética de responsabilidade e da solidariedade com os nossos descendentes, da consciência da Terra-Pátria como comunidade de destino, de origem, de perdição.

A tomada de consciência quanto à finitude humana no cosmos (MORIN, 2011, P. 164), se apresenta como mais um imperativo ético presente nas letras dos Beatles, a partir da preocupação que demonstraram com a expansão material e com a necessidade que a humanidade possui no sentido de empreender o seu desenvolvimento psíquico, moral e espiritual. A preocupação de George Harrison com essa questão foi expressa em seu álbum *Living in the material world (Vivendo No Mundo Material)*, lançado no ano de 1973. Segundo Joshua Greene

(2015, p. 309), ao ser questionado por um repórter, sobre a possibilidade de ser espiritual em um mundo material, teria respondido nos seguintes termos:

Nossa consciência tem sido tão poluída com a energia material que fica difícil enxergar nosso caminho rumo à espiritualidade. Contudo, todos temos dentro de nós as mesmas qualidades de Deus, assim como uma gota do oceano tem as mesmas características do oceano. Todos estão procurando por algo externo, mas tudo está aqui, dentro de nós mesmos.

Em várias das canções do álbum, George manifestou preocupações relacionadas com o mundo espiritual e com o mundo material. Em uma das canções, *The light That Has Lighted The World (A luz que tem iluminado o Mundo)*, ele menciona a necessidade de mudança, apontando para o fato de que as pessoas que não aceitam a mudança, que vivem as suas vidas inteiras sem procurar ver a luz que tem iluminado o mundo. Essas pessoas não conseguem disfarçar o ódio que possuem de quem é feliz ou livre, ressaltando que é difícil seguir em frente, quando você está em um buraco onde existe tão pouca chance de experienciar a alma. Na canção que dá título ao álbum, George canta aquilo que, muitas outras vezes, declararia: a sua frustração com o mundo material ao qual está destinado, as doces lembranças do céu espiritual, e reza para não se perder, não se extraviar.

Em outra das canções apresentadas no mesmo álbum, *Give Me Love (Me dê amor)*, George pede a Deus que lhe auxilie, lhe concedendo amor, paz na terra, luz, vida, liberdade, esperança, que o ajude a lidar com carga tão pesada, e o mantenha livre como quando ele nasceu. Essa esperança ética apresenta inegável consonância com a ética complexa, uma vez que as posturas éticas decorrentes das tomadas de consciências essenciais para a sua realização se encontram todas relacionadas com o reconhecimento do amor como elemento norteador das referidas posturas.

A palavra amor talvez tenha sido a que mais foi usada nas composições dos Beatles, e, em 1965, em *The Word*, eles pregavam: *diga a palavra e você será livre...você ouviu? A palavra é amor*. Edgar Morin 1997, p. 19), preconiza que o amor se encontra enraizado no nosso ser corporal e, assim, precede a palavra, ao mesmo tempo em que o amor é a a palavra. No mesmo sentido se apresenta uma das canções mais conhecidas dos Beatles, a atemporal *All You Need Is Love*, gravada no ano de 1967, em que John canta que tudo o que você precisa é amor. A divindade adorada na religião dos Beatles era o amor, que, multifacetado, seria uma necessidade, conforme diz o título de *All You Need Is Love (Tudo o que você precisa é amor)*, não há nada

que você possa fazer que não possa ser feito, nada que você possa cantar que não possa ser cantado, nada que você possa dizer que não possa ser dito, ninguém que você possa salvar que não possa ser salvo...tudo que você precisa é amor. É fácil, desde que você aprenda a jogar o jogo, sabendo qual o tempo certo, qual a estratégia a ser usada.

Nas canções de amor dos Beatles, a palavra muitas vezes é usada como súplica ou como justificativa. Assim, a representação do amor na obra dos Beatles apresenta nuances distintas, que se complementam: como resposta para os anseios e fragilidades de uma geração que convivia constantemente com conflitos familiares, religiosos, políticos, raciais, sociais, educacionais; como instrumento que possibilitaria a consolidação da liberdade, da solidariedade, da igualdade e da fraternidade. Não há segredo: o amor é a resposta e ao mesmo tempo é a urgência, é o brilho do sol, conforme a letra de *The Word*.

O amor foi a bandeira carregada pela geração dos Beatles na verdadeira cruzada que foi a década de 1960, quando muitos ousaram acreditar que as flores venceriam os canhões, uma ilusão encantadora, apesar da sua flagrante ingenuidade. O lema “Faça amor, não faça guerra” se converteu em um poderoso e repetido *slogan* daquela geração. O verão do amor, o movimento *hippie*, o movimento pacifista, traziam uma premissa explícita nas bandeiras que levantavam: o amor era a palavra, e a única necessidade dos indivíduos.

Em seu primeiro álbum solo, lançado em 1970, John Lennon cantava que o amor é procura, é liberdade, é necessidade. Em *Waterfalls* (Cachoeiras), lançada dez anos depois, Paul também canta o amor como necessidade, afirmando que precisa de amor, fazendo analogias simples e simultaneamente complexas, ao cantar que precisa de amor como o segundo precisa da hora, como a gota de chuva precisa do aguaceiro, como o castelo precisa da torre, como a flor precisa do jardim. Segundo Paul McCartney (*apud* THE BEATLES, 2001, p.357), a maioria das canções compostas pelos Beatles falava de amor, paz, compreensão, o que o deixa muito contente, principalmente levando em consideração que muitas canções escritas por outros compositores instigavam os jovens à violência, ao conflito.

Nas palavras de George Harrison, no DVD *The Dark Horse Years*, é só amor, para onde quer que você olhe. Tudo começa em nós e contagia os que nos cercam. Aquilo que você recebe do outro se encontra diretamente relacionado ao que você dá ao outro, ao que você gera com relação ao outro. Essa crença é manifestada nos últimos versos da canção *The End*, vista por

muitos como o epitáfio perfeito para a banda: *And in the end, the love you take is equal to the love you make* (E no final, o amor que você leva é igual ao amor que você faz).

Segundo Edgar Morin (1997, p. 24), o amor toma forma de maneiras diversas, como ocorre no encontro entre o sagrado e o profano, no mitológico e no sexual. A partir da relação de amor com outro indivíduo, será cada vez mais possível realizar a experiência mística, extática, do culto e do divino, uma aposta, uma possessão à qual também possuímos, a busca por uma verdade que simultaneamente ocupe uma alma e um corpo. (1997, p. 34).

Os Beatles operaram no âmbito de uma ética que em muito se assemelha à ética planetária defendida por Edgar Morin em sua obra, posto ambas valorizam a junção entre o indivíduo a sociedade e a espécie. Nesse sentido, é clara a tomada de consciência de que a incompreensão devasta as relações humanas, exigindo, em contrapartida, a educação para a compreensão dos próximos, tanto quanto dos estranhos e dos distantes do nosso planeta. Essa incompreensão se encontra diretamente relacionada com a ausência de amor, que impede o reconhecimento da autonomia do outro, conforme assevera MORIN (2011, p. 111), gerando as separações, produzindo medo, ódio, diabolização, indiferença, indignação, desgosto, desprezo.

Os reflexos dessa incompreensão podem ser verificados no cotidiano, não apenas em sociedades que se encontram em guerra declarada, mas mesmo nas relações pessoais verificadas em ambientes aparentemente pacíficos, em nossas relações cotidianas, diabolizadas pela contaminação gerada pela ausência de percepção quanto aos efeitos malévolos que decorrem da aceitação de tais posturas. Em uma de suas mais conhecidas canções, *Beware of Darkness* (*Cuidado com as trevas*), George alerta sobre as ilusões, os devassos decadentes, as trevas, os trapaceiros, os líderes gananciosos, que são aspectos negativos que nos circundam, e com a tristeza, pois não estamos nesse mundo para sermos tristes, e a incompreensão se figura em fonte de tristeza.

Quando tinha apenas 24 anos de idade, George escreveu uma carta para a sua mãe (GREENE, 2015, p. 388), afirmando que não desejava realização pessoal, que não estava interessado em coisas materiais, em fama, e que queria encontrar Deus, encontrar o que chamou de verdadeira meta, e essa filosofia o acompanhou até a sua morte, uma busca que permeou as suas canções desde a sua juventude até o seu último suspiro. Essa postura o influenciou diretamente na adoção de posturas voltadas para a crítica constante ao egocentrismo, e pela defesa veemente da espiritualização.

O reconhecimento da identidade humana comum na diversidade também foi exercitado em outros diversos momentos, como, por exemplo, quando George, com o nobre objetivo de arrecadar fundos para auxiliar milhares de vítimas da fome e de uma guerra, que matou militares e civis, no conflito decorrente da declaração de independência do longínquo Bangladesh, e, atendendo a um pedido de seu querido mentor, o sitarista Ravi Shankar, promoveu o primeiro concerto beneficente da história, imitado em várias outras ocasiões.

Joshua M. Greene (2015, p. 251) conta que o pedido de Ravi era facilmente alcançável: a realização de um *show* beneficente, visando arrecadar algo em torno de 25 mil dólares, com o objetivo de adquirir alimentos e suprimentos para os refugiados. George, por sua vez, sugeriu que algo maior fosse feito, e que os seus esforços poderiam render, à época, a importância de 400 mil dólares, e, posteriormente, mais uma vez de acordo com GREENE (2015, p. 261) foi alcançada a impressionante cifra de 14 milhões de dólares. Para George, o dinheiro arrecadado era algo secundário. Espalhar a mensagem e ajudar a acabar com a guerra era o principal (GREENE, idem).

O posicionamento ético adotado por George indica uma percepção de simultânea diferença e identidade no outro, naquele que é parte de outra cultura, que se encontra geograficamente distante, que professa uma fé diferente, que possui valores morais distintos, mas que faz parte da mesma espécie, algo que está além dos individualismos e da sociedade. De uma forma muito clara, se trata de reconhecer o pertencimento a uma fraternidade universal, uma comunidade humana, que vai além das limitações definidas por fronteiras imaginárias, a exemplo do que foi preconizado por John Lennon em *Imagine*.

A relação indissociável entre indivíduo, sociedade e espécie se encontra reconhecida em posturas como a adotada por George, operando no campo da religião, reconhecendo a unidade na multiplicidade e a multiplicidade na unidade, unido as partes ao todo, reconhecendo que o ser humano pode praticar o pior, como a fome, a guerra, a desigualdade, a intolerância, mas também pode praticar o melhor, alimentando, salvando, dedicando, superando, reconhecendo. Essa é uma postura indissociável da ideia de ética do pensamento preconizada por MORIN (2011, p. 62), que, ao tratar da ética do pensar bem, impõe a união entre unidade e diversidade, a ligação das partes ao todo, o despertar da consciência de solidariedade, a prática da compreensão que efetua a relação de sujeito a sujeito, dentre outras atitudes.

A religião, elemento apontado por Morin (2011, p. 62) se configura em um dos componentes da ética do pensar bem, e essa ideia foi bastante difundida nas atitudes adotadas pelos Beatles. Um exemplo claro dessa abordagem é a sua mensagem pacifista, aliada a uma postura que valoriza os aspectos da comunidade e repele as distinções e as exclusões tão comuns no modelo individualista e egocêntrico que nos cerca.

Através de suas letras, os Beatles operaram, muitas vezes, no sentido de reconhecer a ideia de pertencimento a uma comunidade planetária. Um exemplo claro dessa atitude pode ser encontrado em *Back In The USSR*, uma das músicas compostas durante o retiro na Índia, no ano de 1968, e lançada no mesmo, ano, em uma época em que a paranoia antissoviética e a Guerra Fria, assim como as profecias apocalípticas, estavam presentes na pauta diária de medos e incertezas.

Sem levar em consideração o fato de que ingleses e norte-americanos lideravam o bloco ocidental capitalista desde o final da segunda Guerra Mundial, e os soviéticos lideravam o bloco oposto, socialista, e que tensões constantes eram estabelecidas nas relações entre os dois blocos, Paul McCartney ousadamente se colocou no lugar de um soviético, narrando a sua alegria em voltar para casa, o que soava absurdo para aqueles que, polarizando as suas opiniões sobre o conflito ideológico, enxergavam apenas opressão e tirania no modelo político soviético.

Eram tempos de perseguição política, e esse ato de enxergar semelhança naqueles que adotavam postura ideológica distinta, apontava para o exercício de uma verdadeira fé ética, o que poderia ser visto por muitos como um verdadeiro ato de subversão, e a suposta simpatia com o socialismo, mesmo quando não comprovada, já levava muitos artistas, especialmente nos Estados Unidos, a serem submetidos a processos que arruinariam as suas carreiras, por mais brilhantes que fossem as suas ideias e por mais reconhecidos que fossem pelo público como grandes artistas, como ocorrera, dentre outros, com Charles Chaplin.

Com base no que assevera Morin (2003, p. 85), a tolerância se manifesta de formas diversas: a primeira delas é aquela que foi defendida por Voltaire, partindo do princípio de que somos obrigados a respeitar o direito de uma pessoa se manifestar, mesmo de forma que nos pareça ignóbil. Assim, por mais absurda que seja em nosso entendimento a opinião do outro, essa garantia deve ser assegurada. Existe um segundo tipo de tolerância, que é indissociável da opção pela democracia, uma vez que é próprio da democracia alimentar-se de opiniões diversas e antagônicas, valorizando o respeito à expressão de ideias contrárias. O terceiro tipo de

tolerância é aquele que se encontra representado pela percepção de Niels Bohr, no sentido de que o contrário de uma ideia profunda é representado por outra ideia profunda, devendo existir o respeito para com as ideias antagônicas às nossas. As sociedades contemporâneas continuam se portando de forma que comprova a dificuldade que temos em exercitar a salutar e necessária tolerância nas nossas relações. Essa dificuldade se apresentava de forma ainda mais contundente sob a égide da paranoia ideológica do pós-guerra.

Outra postura adotada por Paul comprova a sua prática ética. No ano de 1968, quando os conflitos raciais ainda explodiam em algumas localidades dos Estados Unidos, que assistiriam, chocados, naquele mesmo ano, ao assassinato do Doutor Martin Luther King Jr. Líder na luta pelos Direitos Civis, Paul escreveu *Blackbird*, tendo em mente a luta de uma mulher negra que estivesse vivenciando aquela realidade nos Estados Unidos da América. Para essa mulher supostamente fictícia – porém real, mesmo não nominada – os Beatles enviavam, através da música, uma mensagem de esperança, com base no que assevera MILES (1997, p.588/589). A preocupação demonstrada por Paul apresenta indubitável consonância com outras atitudes tomadas pelos Beatles, como ocorreu em setembro de 1964, quando se recusaram a tocar para uma plateia segregada, no *Gator Bowl*, localizado em Jacksonville, Estado da Flórida, Sul dos Estados Unidos, o que poderia ter acabado com a sua carreira em território norte-americano, uma vez que a cultura racista ainda se encontrava bastante presente nos Estados do Sul.

Questionados então sobre esse posicionamento pelos repórteres que acompanhavam aquela turnê, os Beatles se manifestaram de forma contrária à segregação, conforme consta do documentário *Eight Days A Week*, dirigido pelo premiado cineasta norte-americano Ron Howard. Naquela ocasião, diante de um batalhão de repórteres e do resto da banda, assim se posicionou Paul McCartney, acerca do tema:

Não gostamos de nenhum tipo de segregação. Para mim, é uma loucura. Seria uma idiotice segregar as pessoas, porque é uma grande burrice. Não podemos tratar outros seres humanos como animais. É o que todos pensamos. É assim que pensamos, e muita gente na Inglaterra pensa igual. Lá nunca houve shows com segregação, e se houvesse, não tocaríamos.

Reforçando esse posicionamento, Ringo Starr declarou que os Beatles tocavam para as pessoas, não para essas ou para aquelas pessoas: tocavam para todo mundo. Mais uma vez, se encontra presente, nos atos praticados pelos Beatles, a ideia de religação, de reconhecimento da identidade humana, de respeito à diversidade, e se manifesta, de forma latente, a percepção de

comunidade, atrelada à valorização da solidariedade, na representação de uma sociedade sem fronteiras ideológicas, religiosas, raciais e políticas, principalmente se levarmos em consideração a declaração de Paul no sentido de que, em muitas das suas composições, ocorre um mascaramento, o que faz com que pessoas que estão passando por dificuldades diferentes possam se inspirar e encontrar coragem para enfrentar os problemas, aplicando a mensagem transmitida pela música à sua questão pessoal. Para Paul (MILES, 1997, p. 589):

A maior alegria de ter sido músico e participado dos Beatles é receber essas cartas e descobrir que se ajudou mesmo as pessoas. É a magia disso tudo, porque, quando compus aquelas coisas, tinha uma vaga ideia de que elas talvez ajudassem alguém, mas fico muito orgulhoso ao perceber que ajudaram de verdade.

Segundo a Dra. Kitty Oliver, historiadora negra que vivia na Flórida quando ocorreu o episódio da recusa dos Beatles em compactuar com a segregação, é difícil imaginar a dimensão do *apartheid* que existia naquela sociedade. O único branco com quem ela tinha contato era um vendedor que se dirigia à comunidade. Ao contrário de muitos artistas brancos, que demonstravam admiração oportunista pela música negra norte-americana, sem apresentar qualquer identificação com os criadores da música supostamente admirada, os Beatles se identificavam com ícones negros do *rock and roll*, como Chuck Berry, Little Richard e Fats Domino, assim como eram fãs declarados de outros cantores negros, como Stevie Wonder, Marvin Gaye, Smokey Robinson, e grupos de cantoras negras, como The Ronettes, Martha and the Vandellas e The Supremes.

No posicionamento defendido por Paul encontramos uma relação significativa com ideias defendidas por Edgar Morin (2011, p.11) ao tratar da compreensão complexa, que religa em vez de separar. Enquanto, na década de 1960, a cultura do *apartheid*, tão forte em países como a África do Sul, então ainda muito presente no Sul dos Estados Unidos, estimulava a separação entre negros e brancos, a Inglaterra não vivenciava situação semelhante, existindo um respeito maior à diversidade e uma tolerância exercitada no cotidiano de forma condizente com os ideais democráticos e igualitários que, nos Estados Unidos, refletiam a hipocrisia da sociedade, pois não iam além do discurso.

A identificação dos Beatles com a causa da igualdade racial foi demonstrada em canções como *Ebony and Ivory*, lançada no ano de 1982, cantada por Paul McCartney em dueto com Stevie Wonder, um de seus ídolos musicais. Na letra, Paul refuta o maniqueísmo, quando defende que existe o bom e o mau em cada um, e afirma que aprendemos a viver quando nos

damos uns aos outros, que isso é tudo de que precisamos para sobrevivermos juntos. Paul arremata que o ébano (preto) e o marfim (branco) vivem juntos em perfeita harmonia no teclado do seu piano, e pergunta: por que nós não? John Lennon, mais radical em algumas em suas posturas, se identificou com alguns grupos de atitudes mais extremistas, que lutavam pela causa negra, exercendo uma postura um pouco mais politizada, o que não diminui as atitudes adotadas por Paul, que podem equivocadamente ser encaradas como menos revolucionárias, porém operam no mesmo sentido e com o mesmo grau de influência e relevância..

Conforme assevera Morin (2011, p.113) a compreensão complexa não opera no sentido de reduzir o outro a somente um de seus atos, ou a somente um de seus traços, levando em consideração os aspectos diversos da pessoa. As fontes psíquicas e individuais, assim como as fontes culturais e sociais do outro, devem ser consideradas, bem como as suas condições de natureza histórica, que são igualmente perturbadas e perturbadoras. A compreensão complexa se configura em um tipo de compreensão que objetiva captar tanto os aspectos singulares quanto os aspectos globais. Essa forma de pensar se aplica não apenas naquilo que concerne à análise de comportamentos sociais, mas também de características inerentes aos indivíduos, que, normalmente, são separados, em um processo de diabolização que gera mais separação e enfrentamento, atuando em sentido contrário às forças de religação.

Essas atitudes adotadas pelos Beatles encontram ressonância até a contemporaneidade, uma vez que, a partir da admiração que foi publicamente declarada com relação a artistas, políticos e ativistas negros, ajudaram a romper as barreiras raciais em solo norte-americano, influenciando a toda uma geração, no sentido de reconhecer uma igualdade combatida pelos conservadores mais radicais. Obras cinematográficas lançadas no ano de 1967, como *Adivinhe Quem Vem Para Jantar*, dirigida por Stanley Kramer, um filme que, de forma mais leve, apresenta uma crítica em forma de comédia, o que não diminui o seu realismo, e *No Calor Da Noite*, dirigida por Norman Jewison, com nuances mais cruas e realistas, se consolidaram como clássicos do cinema norte-americano da segunda metade de década de 1960, e abordaram o tema do racismo com coragem.

Igualmente se encontram presentes na obra e nas atitudes dos Beatles, especialmente em canções compostas por Paul McCartney, a tomada de consciência ecológica da nossa condição terrestre, que compreende a nossa relação vital com a biosfera, e a tomada de

consciência quanto à necessidade vital da dupla pilotagem do planeta, relacionando humanidade e natureza, também preconizadas por Morin (2011, p.164).

A valorização da relação entre o homem e a natureza se encontra presente nas lições de Paramahansa Yogananda, um dos *iogues* cuja obra transformaria a visão de mundo dos Beatles, especialmente de George Harrison, a partir da influência da cultura e da religião indianas. Para Yogananda, da mesma forma que estão indissolivelmente unidos, estão vinculados a um destino comum (2009, p.10). Assim, assevera Yogananda (2009, p. 11) que:

O homem governa a Natureza, embora geralmente não o saiba. Inundações, furacões, terremotos e todas as outras calamidades naturais são resultados dos numerosos pensamentos errados do homem...

Quando o senhor da criação adormece, sua serva, a Natureza, rebela-se e torna-se indisciplinada. Quanto mais o homem despertar espiritualmente, mais facilmente controlará a Natureza.

Aldous Huxley (2002, p.19), um dos mais importantes pensadores ingleses do século passado, questionava, na década de 1950, acerca da nossa relação com o mundo em que vivemos, demonstrando clara preocupação com as consequências dessa relação. Para o pensador britânico (2002, p.41), é bastante recente a ideia de separação entre homem e natureza, posto que não fazia parte das relações experimentadas pelo homem primitivo, que sempre se considerou ligado à natureza e inserido nela, ideia que teria sido gradativamente apagada no chamado mundo civilizado.

Entre os ideários do movimento *hippie*, que, inegavelmente, foi influenciado pelos Beatles, bem como por Huxley, se encontram a ideia de respeitar a natureza, de valorizar a vida no campo, de preservar o meio ambiente, de conviver harmonicamente com os animais. Essas posturas se encontram presentes na ética dos Beatles, em canções como *Mother Nature's Son* (*Filho da Mãe Natureza*), inspirada por uma palestra que Paul McCartney teria assistido, e que tinha como tema a unidade entre homem e natureza, conforme preconiza o escritor Hunter Davies, biógrafo oficial dos Beatles (2016, P. 29).

Paul afirma (MILES, 2000, p. 29) que *Mother Nature's son* é uma canção sincera sobre as suas tendências naturalistas, o seu amor sobre o campo, o ato de ir para o meio do mato observar as plantas nas matas da represa, se escondendo nas moitas para observar os rododendros. Afeição de Paul pelo campo também está relacionada com a caminhada que fazia, com os pais e o irmão, ao vilarejo de Hale, localizado a cerca de três quilômetros de sua casa, prática a que Miles se refere como um interlúdio agradável e refinado, um contraponto de

qualidade à vida que levavam em meio às casas cinzentas de concreto do conjunto habitacional onde viviam (2000, p. 29).

Essa defesa da comunhão entre o homem e a natureza se configuraria como uma das mais importantes ressonâncias da década de 1960, uma vez que, a partir dos anos 1970, algumas sociedades passaram a se preocupar com a defesa do meio ambiente, inserindo a questão ambiental na pauta das discussões sobre o mundo em que vivemos, uma prática que continua a crescer, a partir da conscientização, apesar dos retrocessos verificados em alguns grupos sociais. Em decorrência dessa gradativa transformação, ainda não consolidada de forma satisfatória, algumas organizações foram criadas com o objetivo de defender os animais, outras com o objetivo de combater os efeitos nocivos da emissão de gases poluentes, e outras tantas decorreram da preocupação com as questões climáticas, fazendo com que a defesa do meio ambiente se consolidasse como um tema presente na pauta das grandes discussões, nos últimos cinquenta anos.

A mesma preocupação constante com a defesa dos animais foi demonstrada por Paul após a separação dos Beatles, ocorrida oficialmente no ano de 1970, em canções como *Wild Life (Vida selvagem)*, lançada em 1971, com letra inspirada por uma viagem que fizera à África em 1966, quando, em um Parque Nacional, no Quênia, teria visto uma placa com a seguinte inscrição: “Lembre-se que todos os animais têm o direito de seguir.” O respeito aos animais e a valorização da vida no campo se encontram presentes ainda em composições como *Heart of the Country (Coração do Campo)*, quando canta que deseja uma casa, uma ovelha, um cavalo, e que quer dormir bem em uma casa no coração do campo, local onde crescem as pessoas sagradas. Da mesma forma como se notabilizou por escrever eternas canções de amor, Paul se destacou por escrever canções que valorizam a relação do homem com a natureza, legitimando as suas palavras com atitudes coerentes, uma vez que a vida no campo se configurou em uma opção que abraçou a partir da segunda metade da década de 1960.

Atuando de forma cada vez mais intensa e politizada, Paul se envolveu com movimentos de defesa do meio ambiente e da vida animal, se tornou vegetariano, participando de várias campanhas em defesa dos direitos dos animais, ao lado de sua esposa, Linda, inclusive ao lado de grupos que atuavam de forma mais radical, como o PETA. No ano de 1988, Paul dedicou a Chico Mendes, que havia sido recentemente assassinado, a música *How Many People? (Quantas pessoas?)* Sobre a música, Paul declarou (DIRANI, 2016, p. 376) que não compôs a

música para Chico Mendes, mas lhe dedicou por entender que seria correto, pois se preocupa com a ecologia, e entende que Chico, assim como John Lennon, era um homem bom, que teve um fim triste, por questões políticas.

Essa preocupação constante com a defesa dos animais decorria de um sentimento puro, experimentado especialmente por Paul McCartney, que valorizava sobremaneira a vida no campo e defendia o vegetarianismo. A sua esposa Linda McCartney, falecida no ano de 1998, foi uma das mais ferrenhas militantes na defesa dos direitos dos animais, e se destacou como uma referência mundial no vegetarianismo. Muitas das canções de Paul, dentre elas *Martha My Dear*, *Jet*, *Bluebird*, *Single Pigeon*, *Ode to a Koala Bear*, *Little Lamb Dragonfly*, foram inspiradas pela vida animal da qual Paul se sente tão próximo.

Nos idos de 1968, quando os Beatles retornaram da Índia, John também teve oportunidade de demonstrar o seu posicionamento acerca da defesa dos animais, na música *The Continuing Story of Bungalow Bill*, inspirada no comportamento de um dos frequentadores do retiro espiritual em Rishikesh, que, em determinada ocasião, saiu para caçar tigres e depois voltou para meditar. A letra é uma crítica irônica aos que matam animais, e comprova que, entre os Beatles, esse tipo de reflexão não era inerente apenas a Paul McCartney..

Essas atitudes se identificam também com a tomada de consciência da comunidade de destino que liga cada destino ao do planeta, até na vida cotidiana, e que se configura em mais um dos mandamentos éticos indicados por MORIN (2011, p. 163/164), uma vez que preservar o meio ambiente, defender a vida selvagem, lutar pelo fim da violência contra os animais são posicionamentos que demonstram uma preocupação ética direcionada para o todo, não apenas para as partes diretamente envolvidas. Demonstra também uma tomada de consciência que não envolve apenas o presente, indicando uma clara preocupação com o futuro, com as gerações que estão por vir, e perante as quais temos clara responsabilidade. Como porta-vozes legítimos de uma geração – ou, de mais de uma geração – os quatro componentes dos Beatles se manifestaram de forma responsável e ética, na medida das suas possibilidades defendendo o planeta de investidas cruéis contra a natureza e contra a vida animal.

Os Beatles buscavam resposta para os mesmos questionamentos formulados na década anterior por Aldous Huxley (2016, p. 19): Qual nossa relação com o planeta? O que estamos fazendo com o mundo no qual vivemos e como estamos tratando esse mundo? Como ele provavelmente nos tratará se continuarmos tratando-o dessa maneira? Essas perguntas são

fundamentais para o desenvolvimento de uma ética do pensar bem, que opere no sentido de rechaçar a crueldade e a incompreensão.

De forma muito clara, os Beatles adotaram um posicionamento que se encontra em sintonia com a ética de responsabilidade e de solidariedade com os nossos descendentes, mais um dos mandamentos apresentados por MORIN (2011, p. 164), concretizadas através de atitudes que apontam para o alto no espaço e para longe no tempo. Esse tipo de postura conduz a uma reflexão humanista e ética de proporções significativas, posto que defende a preservação da vida, sob suas diversas formas.

Huxley atentou para o fato de que o homem se mostrou mais destrutivo na sua relação com os animais do que em suas outras relações. Segundo o pensador inglês, se trata da eliminação de criaturas marcadas por extraordinária beleza e interesse, de forma cada vez mais rápida, o que se configura em uma história muito deprimente (2016, p. 23). O celebrado pensador britânico justifica o seu argumento ressaltando que, durante o século XIX, cinquenta espécies de mamíferos teriam sido eliminadas, que, desde o início do século XX, outras quarenta espécies teriam sido extintas, e que, até a década de 1950, seiscentas outras espécies estariam condenadas à extinção (2016, p.23).

Claramente voltado para a defesa da preservação dos animais, Paul McCartney compôs *Ode to a Koala Bear*, inspirada por uma visita que fizera à Austrália, quando tivera a oportunidade de abraçar um urso coala, animal típico da região de Brisbane, localidade em que Paul visitou um zoológico, juntamente com as suas filhas, no ano de 1975. Sobre essa experiência, Paul comentou que achava incrível vislumbrar os animais passarem ao seu lado, experiência que não era possível desfrutar na Inglaterra (DIRANI, 2017, P. 302). A sua legítima preocupação com a situação daqueles ursos inspirou na composição de mais uma de suas belas canções, que, se não foi um grande sucesso, serviu para reforçar a sua forma de pensar acerca da sua preocupação com a preservação da vida animal.

Também se encontra presente na obra dos Beatles, de forma bem mais intensa, a defesa da paz, da solidariedade, da tolerância, do amor, da liberdade, da igualdade, da fraternidade, sendo flagrante a ressonância dessas práticas preconizadas pelos Beatles entre os anseios das gerações posteriores à sua, permanecendo entre as pautas das discussões promovidas por aqueles que defendem a necessidade de vivermos em um mundo melhor.

A letra de *Give Peace a Chance*, um hino composto e gravado por John Lennon no ano de 1969, que é cantado desde então em manifestações pacifistas, diz que todo mundo está falando sobre muitas coisas, que ele enumera na canção. Porém, tudo que ele e seus seguidores estão dizendo é *Dê uma chance à paz*. A mensagem presente na canção não é datada, e não representa um hino apenas para o movimento *hippie* ou para o movimento pacifista da década de 1960, uma vez que o seu conceito é universal e atemporal, podendo ser cantado por todos aqueles que, em épocas e locais distintos, se manifestam contra as guerras. Essa visão repercutiria posteriormente em *Imagine* – um mundo sem países, sem posses, sem religião, uma irmandade de homens – e ecoaria por décadas como um manifesto em prol da paz e da tolerância.

Outra canção, lançada dois anos depois, chamada *Happy Xmas (War is Over)*, ou seja, *Feliz Natal (A guerra acabou)*, se transformaria em um hino pacifista e, ao mesmo tempo, uma das mais conhecidas canções natalinas, desde então. Na letra, John invoca o espírito natalino, provocando uma reflexão sobre as nossas omissões, combatendo posturas negativas, afirmando que é Natal, mais uma vez, que mais um ano se encerra e que um novo ano começa, e abraça de forma igualitária algumas diferenças criadas pelo homem, como a diferença entre amarelos e vermelhos, a diferença entre ricos e pobres, a diferença entre pretos e brancos, a diferença entre fracos e fortes, a diferença entre velhos e jovens, conclamando o cessar de toda luta. A letra reflete as ideias de John no sentido de defender, mais uma vez, uma ética de matiz planetário, que desconsidere as diferenças que são estabelecidas e delimitadas ideologicamente, consolidando as desigualdades sociais, indo contra a desigualdade de classe, as diferenças políticas, a distinção racial, o conflito entre gerações, operando no campo da compreensão, da aceitação e da tolerância.

A compreensão complexa opera no campo da multidimensionalidade, o que nos impede de olhar para o outro considerando apenas um dos traços da sua personalidade. Os indivíduos são multifacetados, ricos em diversidade, e devem ser analisados com base em todas as dimensões da sua personalidade. Nesse sentido, o indivíduo rotulado pelas convenções sociais como um criminoso não se resume ao crime praticado, pois, como assevera Morin (2011, p. 133), se cada um de nós tivesse conhecimento de que carrega consigo um terrível potencial de morte, daria àquele que vemos como um estranho, ou como um monstro, a possibilidade de regeneração.

John Lennon operou no âmbito da compreensão complexa quando escreveu *Attica State*, demonstrando louvável preocupação com questões sociais, como os massacres nos presídios, a exemplo do que ocorreu na prisão novaiorquina de *Attica*. Temática que, até então, raramente era abordada pelo *rock*, especialmente na Inglaterra. Mais uma vez, se observa a ideia de pertencimento a uma comunidade, o reconhecimento da condição humana presente no outro, no distante, naquele que está encarcerado, isolado do convívio social, porque supostamente praticou um mal, mas que não deve, por isso, ser chacinado, massacrado pelas forças estatais de repressão, nem julgado pela sociedade apenas com fundamento no crime que cometeu, devendo ser igualmente atingido pela proteção estatal e objeto da compreensão social.

A ética complexa ensina que não devemos reduzir o indivíduo ao mal praticado. Não devemos, portanto, desconsiderar os aspectos subjetivos, as motivações, os elementos externos que conduziram o indivíduo à prática do ato rejeitado – e conseqüentemente punido – pela sociedade. É comum identificarmos um condenado ou, muitas vezes um suspeito de ter praticado algum crime, por estigmas, por adjetivações que o reduzem ao crime que supostamente praticou, sem considerar características outras que não aqueles que o identificam com o mal. Assim, procuramos, algumas vezes conscientemente, despir o indivíduo de todos os atos de bondade que possa ter praticado, os quais preferimos esquecer, ou desconhecer.

A maldade não pode ser apresentada como justificativa para a prática de outra maldade. Violência não pode ser motivo para mais violência. No que concerne ao massacre ocorrido no presídio de *Attica*, John criticou o abuso de autoridade e o desperdício de quarenta e três vidas humanas. Também criticou a mídia, que culpou os prisioneiros, quando não foram eles que puxaram os gatilhos. Solidário com o sofrimento dos encarcerados, John conclamou a sociedade a exercer a solidariedade para com os presos, se juntando ao movimento.

Claramente, se trata da defesa de uma ética que reconhece e ao mesmo tempo desvincula o indivíduo do mal praticado, colocando, acima de tudo, a sua condição humana, conforme demonstram os versos que compõem a letra da canção. Ao indicar que todos os presidiários vivem no sufoco, John está se posicionando de forma solidária para com pessoas que, aos olhos da maior parte da sociedade, são enxergadas como verdadeiros monstros, que devem ser mantidos isolados, uma vez que supostamente não se adequam ao convívio social. Dotado de uma ética que se contrapõe claramente a essas posturas, John pede às pessoas que não assistam

à morte sofrida dos presidiários sem fazer nada, cobrando do corpo social posturas menos indiferentes para com os encarcerados.

Lennon demonstra uma inquietação louvável – e rara, entre os membros da sociedade – com a condição enfrentada pelos presidiários, quando pede a todos que se juntem ao movimento, e se manifestem sobre os Direitos Humanos, para, ao final, arrematar que o nosso julgamento é obscurecido pelo medo e pelo ódio, e argumentar que todos devemos nos resguardar contra aquilo que denomina como interminável obscuridade. Essa obscuridade tantas vezes presente no grupo social, nos impede de exercitar a ética complexa, nos distanciando da necessária prática da compreensão subjetiva, aquela que nos permite compreender o sujeito mediante a projeção-identificação, compreendendo a vida, os sentimentos, as experiências, as motivações e as desgraças que integram o outro, que nos conduzem ao reconhecimento do ser subjetivo, conforme preconiza Morin (2011, p. 112).

A necessidade de compreensão do outro tomou uma dimensão abrangente na obra dos Beatles, em canções que abordavam, na terceira pessoa, aspectos da vida cotidiana, como a solidão, a intolerância, a falta de solidariedade, os antagonismos que conduzem às guerras, dentre outros tantos aspectos presentes nas relações sociais contemporâneas, marcadas pelo egocentrismo. Em canções como *Nowhere Man*, *Eleanor Rigby* e *The Fool on the Hill*, a questão foi tratada, sob diferentes perspectivas.

Quando ainda era tabu se posicionar acerca da Guerra do Vietnam, os Beatles se manifestaram de forma contrária ao conflito, adotando posicionamento oposto àquele adotado pelos governos da sua Inglaterra natal e dos Estados Unidos, onde estava o maior número de compradores de seus discos. Essa postura ultrapassou o mero discurso, se refletindo também em atitudes, assim como nas letras de muitas de suas canções, fazendo com que fossem identificados como referências na defesa da paz.

Nos primeiros momentos após ficarem conhecidos fora do solo inglês, entre os anos de 1962 e 1964, quando começaram a consolidar um significativo sucesso na Europa, a questão ainda não viera à tona. Todavia, com o advento da fama, especialmente após a conquista da América, passaram a ser constantemente questionados sobre o conflito asiático. Entretanto, enquanto muitos artistas, mesmo sendo pacifistas no seu íntimo, se omitiam quanto a questões delicadas como a guerra, os Beatles, gradativamente, iam assumindo uma postura mais ousada, transmitindo as suas impressões acerca da questão bélica de uma forma muito clara. Na opinião

de George Harrison (SILVA, 1990, p. 126), ninguém pode lhe forçar a matar outra pessoa, se você não quiser. Paul McCartney, por sua vez, entendia que qualquer pessoa que ache errado combater teria o direito de não ingressar no exército, de não se alistar para a guerra (SILVA, 1990, p. 126). John Lennon, por sua vez, declarou que os Beatles pensavam acerca da Guerra do Vietnam diariamente. Não concordavam, não gostavam, pois eram contrários à ideia de matar por qualquer motivo, porém, não podiam fazer nada a respeito. Mesmo assim, fizeram, muito, influenciando gerações, com suas posturas em defesa da paz mundial.

Os quatro Beatles haviam nascido durante a Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1940 e 1943, e a sua amada Liverpool sofreu constantes bombardeios nesse período, de forma que cresceram brincando nos escombros e nos abrigos antiaéreos, e ouvindo histórias que envolviam bombas, morte, violência, contadas pelos habitantes que haviam presenciado a cidade ser destruída. Eram filhos e vítimas da guerra. A sua amada Liverpool foi atingida, durante a Segunda Guerra Mundial, por dezenas de bombardeios, e milhares de habitantes foram mortos. Segundo Barry Miles, biógrafo de Paul McCartney, foram totalmente destruídas mais de 10 mil residências, e parcialmente destruídas dois terços de todas as moradias da cidade, enquanto que mais de 2.600 pessoas foram mortas e mais de 2 mil foram feridas. (2000, p.22)

A aposta no fim das guerras acompanhou a vida dos quatro garotos. Os horrores da guerra faziam parte de suas lembranças pelas décadas seguintes, exigindo uma tomada de posição ética totalmente contrária ao belicismo ainda presente nas relações contemporâneas, que é defendido por alguns líderes políticos, como forma de forçar a aceitação das ideias que não conseguem impor pela via democrática, fazendo com que optem claramente pela imposição de suas opiniões e tendências.

Essa ética pela paz, por mais paradoxal que possa parecer, identifica, também, um tipo de rebeldia, que se apresenta destituída de violência, porém, de forma impositiva, a representar um conjunto de posturas que operam no campo da justa resistência a elementos impostos por um modelo social cuja dinâmica se choca com os posicionamentos defendidos pela ética complexa. Assim, a defesa da paz se apresenta como uma postura rebelde, uma vez que colide com os ideais predominantemente bélicos da sociedade, entre as décadas de 1930 e 1960, que, apesar do trauma decorrente da Segunda Guerra Mundial – o nazismo e a bomba atômica dificilmente serão superados – foi forçada a conviver com a paranoia decorrente da Guerra Fria. Em tempos de medo, em que o ataque – ou a ameaça de um ataque – parecia ser a arma mais

eficaz para amedrontar os inimigos, alimentando a psicologia coletiva com o terror, prevalecia a sensação de pavor diante da iminência da guerra nuclear tão temida. Assim, a defesa da paz se configurava em uma alternativa enxergada como verdadeira resistência, como incontestável rebeldia contra as figuras de autoridade que se manifestavam de forma favorável ao conflito armado e se esquivavam do embate de ideias.

Na década de 1960, os conflitos entre os jovens e as chamadas figuras de autoridade possuíam conotação diferente daquela apresentada na década anterior, posto que, na década de 1950, as bandeiras defendidas por ambos os lados eram outras e, gradativamente, os jovens foram se adequando, mais uma vez, às imposições emanadas dos chefes familiares, políticos e religiosos. Ademais, o *rock and roll*, que explodira como uma febre na primeira metade da década de 1950, logo arrefecera, a partir do momento em que os grandes nomes daquele movimento inicial se acomodaram, ou foram, de alguma forma, retirados de circulação. A rebeldia, de certa forma, estava domada. Os mais velhos haviam vencido.

Naqueles anos turbulentos, o processo era distinto. Por volta de 1968, grande parte da juventude norte-americana, inconformada com a Guerra do Vietnam, e, igualmente, com os atritos constantes, decorrentes das atitudes tomadas pelas figuras de autoridade, apresentava outras opções, como as manifestações de protesto contra o poderio bélico norte-americano. Também gerava forte indignação entre os jovens norte-americanos mais conscientes, ou seja, aqueles que se engajavam nas manifestações públicas pela paz, a política de aparente democracia, que era exercitada no campo interno, se configurava como uma atitude contraditória quando comparada com a prática emanada das autoridades políticas e militares que lideravam os Estados Unidos, à época, que exerciam o totalitarismo desmedido nas suas incursões em território estrangeiro, visando a imposição da sua ideologia política e do seu modelo econômico.

Em meio a todo esse conflito de proporções crescentes, e à possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial, os Beatles cantavam intensamente o amor. Essa atitude revolucionária opera no campo de uma ética da rebeldia, que não se encontra amparada pela violência, pela imposição de opiniões, pela atitude agressiva, pela contestação vazia de argumentos, como ocorrera na década anterior, mas no exercício de uma rebeldia pura, intensa e bela. Em uma analogia talvez involuntária, mas muito feliz com esse momento, o compositor paraibano Geraldo Vandré, um dos artistas banidos pela ditadura militar que assumiu o poder no Brasil entre os anos de 1964 e

1985, compôs um verdadeiro hino, banido pela ditadura militar, compôs um verdadeiro hino contra a opressão, denominado *Pra não dizer que não falei das flores*. Entre os versos dessa canção Vandré conta acerca dos cordões indecisos que marchavam pelas ruas, fazendo da flor seu mais forte refrão e acreditando nas flores vencendo o canhão, uma utopia diretamente relacionada tanto com a resistência pacífica contra a tirania quanto com a defesa da paz em uma época marcada por conflitos bélicos e choque entre gerações.

Por outro lado, alguns outros ídolos da juventude, como *The Rolling Stones* e *The Doors*, defendiam a violência e o confronto como elementos de contraposição ao sistema, exercendo influência sobre uma parcela da juventude que defendia a radicalização e o enfrentamento. Todavia, é na mensagem de amor e de paz transmitida pelos Beatles que se encontra impressa uma postura rebelde, exatamente por se apresentar como alternativa pacífica contra anseios acompanhados de violência, especialmente quando levamos em consideração que eram tempos em que a violência era difundida por formas de arte distintas e vista por muitos como parte da postura correta a ser adotada.

Entre os anos de 1966 e 1967, a cultura psicodélica e o movimento *hippie* se estabeleceram, universalizando a mensagem de paz e amor, eternizada na música, no cinema, na literatura, na poesia, na cultura ocidental, com reflexos na política, na religião, em diversas manifestações sociais daquela época. O movimento psicodélico e a cultura *hippie* foram eternizados pelos sons e mensagens constantes daquela que é considerada por muitos como a obra *pop* definitiva, superlativa em vários aspectos, o melhor, o mais importante, o mais influente álbum já lançado, *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*. Foi nesse período, 1967, que os Beatles passaram a representar de forma mais intensa aos ideais comunitários e a transmitir, entre os jovens, uma mensagem de solidariedade, de pertencimento, de pacifismo, de tolerância, e, principalmente, de amor, uma mensagem reforçada por incursões anteriores.

Para compreender o caráter revolucionário e rebelde dessa postura adotada pelos Beatles se faz necessário compreender o contexto decorrente do pós-guerra. Ao final do grande conflito, que dizimou parte da Europa e destruiu de forma violenta e eternamente traumática as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, um grande conflito ético se estabelecia a nível mundial, representado pelo seguinte questionamento: até que ponto é permitido ao homem destruir para alcançar a paz? Posicionamentos radicais se estabeleceram, tanto entre os defensores dos ataques promovidos pelos aliados, ao lançarem as duas bombas atômicas, como entre os que

entendiam os ataques como atos de uma selvageria suprema, que já deveria ter sido banida das relações humanas, pois o homem mostrava, com aquelas posturas, o seu lado mais cruel.

Uma escolha ética se fez necessária, antes dos ataques que chocaram o mundo. Valia a pena manter a guerra, aumentando o número de mortos entre militares e civis de todas as nações envolvidas, sepultando mais alguns milhares de cadáveres, que seriam chorados por muitas décadas, em lugares distintos do planeta, ou, para evitar essa tragédia em escala mundial, seria melhor ceifar de forma cruel, de uma brutalidade sem precedentes, a vida de alguns milhares de japoneses, sem que uma vida aliada fosse perdida? Escolhas como essa são comuns em tempos de guerra, mas nunca uma postura bélica foi tão violentamente criticada, e isso se deve ao fato de que, dessa vez, existiam imagens fortes, mostrando o lançamento das ogivas e o sofrimento dos que foram atingidos pela radiação emanadas das bombas.

O fim de uma guerra tão trágica foi comemorado com festa em muitos lugares, mas havia um ar de tristeza, que perdura desde então, provocada pela percepção de que, a qualquer momento, o homem, em um ápice, pode cometer a suprema loucura de acabar com a vida no planeta. Assim, de forma paradoxal, a aposta na consecução da paz como objetivo final conduziu a humanidade a encarar de frente uma situação apocalíptica, representada pela detonação das bombas nas duas cidades japonesas, e a um enfrentamento cada vez mais constante entre os humanistas e os belicosos, como ocorre em conflitos éticos dessa magnitude. Talvez nenhum outro evento do Século XX tenha conseguido demarcar de forma tão clara a história humana como o advento da segunda grande guerra, tanto no que concerne às suas causas, dentre elas a ascensão do nazismo, e as sua consequência mais traumática, o lançamento das bombas sobre Hiroshima e Nagasaki.

A polarização e a possibilidade de destruição do mundo ao alcance de um botão que poderia ser apertado por algum lunático detentor do poder, nos Estados Unidos ou na União Soviética, geraram histeria coletiva, bem como alimentaram uma visão apocalíptica de mundo por décadas, até a queda do Muro de Berlim, que ocorreria apenas no ano de 1987. Nesse diapasão, a década de 1960 segue cronologicamente a todo um período de incertezas, de medos, de conflitos ideológicos e militares que poderiam ter desencadeado uma outra guerra, não fosse o medo coletivo de que uma catástrofe de proporções éticas pudesse se abater sobre a terra. Eram tempos sombrios, incertos, em que, talvez de forma inédita, as ações políticas poderiam gerar trevas e desespero.

O mundo, que se encontrava flagrantemente separado, na esfera econômica, na esfera política, na esfera religiosa, na esfera social, precisava urgentemente operar no campo da religação. as forças de separação, de dispersão e de aniquilação que, segundo Morin (2011, p. 31), continuam a desencadear-se na nossa era. Essas forças, ao mesmo tempo antagônicas e complementares, atuavam de forma muito intensa naquele momento histórico. Ordem, desordem, interações e organização se encontram presentes na nossa jornada desde a origem dos tempos, quando os agrupamentos humanos passaram a se organizar a partir do convívio comunitário, de forte identificação com o semelhante e da crença comum em divindades, que, sendo cultuadas em comum, traziam como consequência direta o fortalecimento do grupo, naquele momento histórico específico,

Em um mundo claramente marcado pela disjunção, pela discriminação, pela intolerância, pela rejeição às figuras de autoridade por parte dos jovens e, em contrapartida, pelo autoritarismo dos detentores do poder, a esperança brotaria da rebeldia e da não aceitação dos padrões impostos e assegurados, secularmente, através de mecanismos de força, que não condiziam com as reais necessidades sociais, especialmente no que concerne aos jovens. Naquele momento histórico específico, essas relações se apresentariam e se desenvolveram de forma muito clara, estimulando o surgimento de poderosas forças de religação.

Segundo Eric Hobsbawm:

A radicalização política dos anos 60, antecipada por contingentes menores de dissidentes culturais e marginalizados sob vários rótulos, foi dessa gente jovem, que rejeitava o status de crianças e mesmo de adolescentes (ou seja, adultos ainda não inteiramente amadurecidos), negando ao mesmo tempo humanidade plena a qualquer geração acima dos trinta anos de idade, com exceção do guru ocasional.

Em 1968, um dos anos mais revolucionários da aventura humana, o embate entre gerações alcançava o seu auge, com o movimento estudantil explodindo em Paris, de forma mais intensa, com o movimento ocorrido no mês de maio. Nos Estados Unidos, os estudantes se mobilizavam de forma cada vez mais intensa contra o envolvimento dos Estados Unidos no conflito vietnamita, enquanto a chamada Primavera de Praga florescia na Tchecoslováquia. Eram tempos ricos em contestações, conflitos, choques geracionais, ativismo jovem, defesa da democracia, por parte de uma juventude cada vez menos alienada e cada vez mais protagonista.

Ao mesmo tempo em que se estabeleciam esses conflitos a nível global, os Beatles buscavam respostas espirituais na Índia, de onde voltariam com uma postura ainda mais voltada para a defesa do amor e da paz, profundamente influenciados pela cultura indiana, com a qual

travaram contato direto no retiro promovido pelo Maharishi Mahesh Yogi, o guru indiano que se notabilizara no Ocidente pela divulgação que fazia da Meditação Transcendental. Em Rishikesh, os Beatles esperavam encontrar respostas para as questões existenciais que os afligiam. Entrementes, a juventude que tanto haviam influenciado seguia um caminho cada mais politizado, muitas vezes exercendo um radicalismo que beirava a violência, em um embate que logo começara a perder força, mas que se apresentava de forma mais intensa do que nunca naquele ano mágico.

Nesse contexto, os Beatles exercitaram, mais uma vez, a rebeldia, com *Revolution*, em cuja letra pregam a revolução pacífica, em vez da revolução violenta pregada por outros. Enquanto os *Rolling Stones* enalteciam o distúrbio, o caos e a desordem, em canções distintas como *Street Fighting Man* e *Sympathy For The Devil*, e bandas como *The Doors* flertavam com o caos, os Beatles cantavam a revolução pacífica, com as flores substituindo os conflitos. Essa era a verdadeira revolução, operando de forma antagônica, desviante, rebelde.

Não é difícil constatar que todos os mandamentos e tomadas de consciência preconizadas por Edgar Morin na construção da ética complexa se encontram profundamente impregnados de amor, que se apresenta como uma emergência, uma necessidade, especialmente em épocas turbulentas, impregnadas de ignorância, medo e ódio, operando no campo da incompreensão. Portanto, todos os mandamentos e tomadas de consciência da ética complexa devem se alimentar do amor, seu principal combustível, combatendo as atitudes relacionadas com o pensar mal.

Estabelecendo um paralelo entre posturas adotadas em momentos históricos distintos, vislumbramos que essa defesa incessante do amor como postulado ético opera no campo da rebeldia, pois o contexto político social do pós-guerra atuava em sentido contrário. Se metade da década de 1940 foi marcada por um conflito bélico devastador e a década seguinte se caracterizaria pela paranoia da Guerra Fria e pela rebeldia exercida por muitos jovens contra as figuras de autoridade, a década de 1960 começaria de forma apática, para gradativamente se transformar, a partir de 1965, e do crescimento da influência dos Beatles, na década mais transformadora e significativa do Século XX.

Na primeira metade dos anos 1960, a ideia de comunidade não encontrava campo fértil para a sua proliferação, bem como a crença nas utopias, geralmente associadas a posicionamentos contrários ao sistema. A paz se apresentava mais como ideal do que como

realidade, uma vez que novos conflitos haviam surgido, como a Guerra da Coréia e a Guerra do Vietnam. O mundo se encontrava cada vez mais polarizado entre o bloco capitalista, liberal, individualista, conduzido pela ilusão do progresso, e supostamente pautado na liberdade, e o modelo socialista, totalitário, supostamente baseado na igualdade, duas representações antagônicas que dividiriam opiniões nas décadas seguintes.

No mesmo sentido, a defesa da natureza, tão esquecida pelos defensores da ilusão do progresso não encontrava espaço para a sua divulgação, pois a proteção do meio ambiente não atendia aos interesses dos modelos políticos então vigentes – especialmente na Europa Ocidental e em grande parte do continente americano – caracterizados pela prevalência de um capitalismo selvagem que, pautado nas desigualdades e no exercício do poder por parte de minorias, não demonstrava qualquer preocupação com valores e ideais que não atendessem à agenda liberal, egocêntrica, voltada para a defesa de uma ideia fictícia de progresso.

A ideia de comunidade de destino também não era vista com bons olhos por um mundo marcado pela divergência e pela polarização, fenômeno crescente desde o início do século, o que favorecia a divisão entre os adeptos de dois modelos políticos igualmente opressores, apesar de ambos oferecerem o discurso de resistência à opressão.

De forma igualmente clara, é fácil constatar que a incompreensão prevalecia nas relações sociais, centradas no egocentrismo, sem que fosse oferecida a liberdade de olhar para o outro, exercitando a tolerância que é tão necessária às relações humanas.

A finitude humana no cosmos, bem como os efeitos desastrosos provocados pela supervalorização do material, em detrimento do espiritual, especialmente no Ocidente também se apresenta como uma marca incontestável das sociedades do pós-guerra.

A relação vital com a biosfera, pautada pelo reconhecimento da nossa condição terrestre e do reconhecimento da condição ecológica diretamente relacionado a esses dois aspectos também não se apresentava como uma necessidade para o mundo.

Atuar no sentido de reconhecer a necessidade de tomadas de consciência totalmente contrárias aos valores sociais predominantes se configura em uma atitude flagrantemente rebelde. Estabelecer o amor como ideal implica em reconhecer a tolerância, a igualdade, a liberdade, o reconhecimento do outro, a simpatia pelos opositores políticos e culturais, valorizando a identidade humana comum representam o mais puro exercício da rebeldia, no

sentido de que se configura na adoção de uma postura desviante, distinta daquela que predominava e predomina no planeta.

O inconformismo exercitado pelos Beatles e pela sua geração, de forma corajosa, não representa um modelo violento de resistência, baseado no conflito, mas no exercício de uma rebeldia que se consolida na defesa da paz, do amor, da tolerância, da igualdade e da democracia na tomada de posições favoráveis a uma ética da solidariedade, da comunidade, da paz, operando na consolidação de uma postura revolucionária que não se baseia no exercício da força, mas no estímulo ao debate de ideias, em detrimento do embate revestido de hostilidade e de indiferença quanto aos anseios e opiniões divergentes.

Em uma sociedade conformista, paranoica, bélica, maniqueísta, polarizada, egocêntrica, fundada no lucro, a rebeldia se manifesta de forma muito mais clara e incisiva em atitudes pacifistas, amorosas, naturalistas, preservacionistas, tolerantes, reconhecedoras da diversidade e do destino comum, conforme constantemente exercitado pelos Beatles em sua ética, adotando, nesse contexto, uma postura corajosa, influenciando sobremaneira a uma geração que estabeleceu postulados éticos fundamentais, a serem seguidos pelas gerações que viriam, apesar de reconhecerem a dificuldade para o estabelecimento de alguns desses pressupostos éticos. A rebeldia herdada dos Beatles pode ser encontrada em diversas manifestações posteriores, como nas manifestações pela paz que ocorreram em diversos momentos históricos posteriores, em que foram entoadas canções de Lennon e McCartney, nos concertos beneficentes, como o *Live Aid*, na defesa da igualdade entre os homens e as mulheres, que passaram a participar de forma muito mais ativa na vida social, no mundo do trabalho, na política, no crescimento de movimentos ambientalistas, no ressurgimento, mesmo que modesto, de algumas atividades que invocam o espírito de solidariedade e rechaçam o egocentrismo, o que não significa afirmar que todas as mazelas sociais foram superadas, ou que todas as suas ideias se consolidaram nessa constelação heterogênea que é o mundo.

Todavia, é fato incontestável que existe uma ressonância musical e ética assombrosa da obra dos Beatles nas décadas posteriores à sua separação oficial, ocorrida no ano de 1970. Essa repercussão incomparável pode ser sentida ao analisarmos a espantosa influência dos Beatles sobre a cultura ocidental, até a contemporaneidade. Certa vez, Paul McCartney afirmou que enxerga os anos 60 como o futuro, como se as promessas e vivências daquele período refletissem algo ainda por acontecer, e não como momentos que já passaram.

A mensagem de esperança constante da letra de *Hope for the Future*, lançada por Paul McCartney no ano de 2014, apresenta uma mensagem de esperança que em muito se assemelha à mensagem transmitida pelos Beatles na sua obra, e em um mundo tomado pelo desespero, pela ausência de esperança e pela predominância das sombras, refletem um outro aspecto dessa rebeldia que preconiza a possibilidade de dias melhores, de certa forma ressaltando as mensagens otimistas e reconfortantes de canções imortais como *Let It Be* e *Hey Jude*.

Alguma esperança para o futuro
Alguns esperam pelo chamado
Para dizer que os dias adiante
Serão os melhores de todos
Nós construiremos pontes para o céu
Circundadas por luz celestial
Você e eu
De fora da escuridão
Nosso futuro virá
Se deixarmos o passado para trás
Voaremos para além do sol
Nós estaremos juntos
Dividindo a carga
Observando maravilhosos
Como as nossas vidas se desdobram
Esperança para o futuro
Está chegando em breve
Quão rápido podemos alcançar?
Esperança para o futuro
Pertencerá a nós
Se nós acreditarmos

Existe, portanto, uma flagrante ressonância das práticas revolucionárias adotadas pelos Beatles a partir do exercício de uma ética do amor. Essa influência não se apresenta datada, pois não incide apenas na sua geração, mas também sobre as gerações que se sucederam, o que repercutiu diretamente na forma como as pessoas passaram a enxergar a si próprias e ao mundo que as cerca.

As opiniões manifestadas através das letras e do discurso, bem como as ações praticadas pelos Beatles representam a adoção de uma ética que indiscutivelmente repele o pensar mal, uma vez que repelem a fragmentação, a compartimentação, o isolamento, o egocentrismo, atuando no sentido de religar, de não dissociar unidade e diversidade, de unir as partes ao todo. Se trata de uma postura ética que opera no sentido de despertar uma consciência de solidariedade, de exercitar a compreensão, de rechaçar o maniqueísmo, de combater a cegueira e a ilusão, de promover a associação entre indivíduo, sociedade e espécie, de uma ética que

compreende a necessidade de reconhecimento da paz e do amor como instrumentos propulsores da sociedade.

Todas essas posturas se encontram em indubitável consonância com os valores e princípios que se inserem na ética complexa idealizada por Edgar Morin, podendo ser entendida como uma representação artística e política desse modelo ético pautado no humanismo. As atitudes tomadas pelos Beatles ressoam na contemporaneidade de forma indelével, se consolidando como ideário ao longo das últimas cinco décadas, rompendo de forma significativa com barreiras que haviam sido criadas após os conflitos mundiais e as revoluções que marcaram o Século XX, transformando as relações sociais, que passaram a ser pautadas pela busca constante do amor, da igualdade, da liberdade, da solidariedade, da esperança, da tolerância, como contrapontos essenciais à barbárie, ao medo, à violência e à incompreensão, que devastam as relações humanas.

Referências

- BAUR, Michael, BAUR, Steven. (2007). *Os Beatles e a filosofia*. Tradução Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 286 p.
- DAVIES, Hunter. (2016) *As letras dos Beatles*. Tradução de Maria da Anunciação Rodrigues. São Paulo: Planeta do Brasil,. 376 p.
- DIRANI, Claudio. (2017) *Masters: Paul McCartney em discos e canções*. Rio de Janeiro: Sonora Editora. 640 p.
- GREENE, Joshua Michael. *Here comes the sun: a jornada spiritual e musical de George Harrison*. Tradução: Romero Carvalho e Fernanda Marin Horrocks. Pindamonhangaba: Sankirtana Books, 2015. 416 p.
- HOBSBAWM, Eric. (1995). *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras.
- HUXLEY, Aldous. (2016). *A situação humana*. Tradução Lya Luft. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 294 p.
- MILES, Barry. (2000). *Many Years From Now*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Dorea Books and Arts, 778 p.
- MITCHELL, James A. (2015). *John Lennon em Nova York: os anos de revolução*. Tradução Pedro Jorgensen Jr. 1. ed. Rio de Janeiro: Valentina, 248 p.
- MORIN, Edgar. (1997). *Amor, Poesia, Sabedoria*. Tradução: Ana Paula de Viveiros. Lisboa: Instituto Piaget.
- MORIN, Edgar. (2003). *Meus demônios*. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 368 p.

- MORIN, Edgar. (2007). *Jornadas temáticas (1998: Paris França:1998) A religação dos saberes: o desafio do Século XXI/ idealizadas e dirigidas por Edgar Morin; tradução e notas: Flávia Nascimento, 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 588 p.*
- MORIN, Edgar. (2011). *O método 6: ética. Tradução Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 224 p.*
- SILVA, Luís Antônio da. (1997). *Beatles por eles mesmos. Rio de Janeiro: Editora Ediouro.*
- THE BEATLES. (2001). *Antologia. São Paulo: Editora, Cosac & Naify.*
- YOGANANDA, Paramahansa. (2009). *Assim falava Paramahansa jornadas temáticas Yogananda. Compilado pela Self-Realization Fellowship. Los Angeles, California, 206 p.*

Francisco Flávio Oliveira dos Anjos

Universidade estadual de Goiás – UEG

Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (1996).

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
(2007).

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
(2013).

Pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM da UFRN.

ffaanjos@gmail.com